

“Eu vou morrer?”

Imagine que você é um paramédico e seu trabalho é prestar os primeiros socorros a pessoas que sofreram acidentes graves. Por ser o primeiro a chegar ao local do acidente, em geral, não é incomum que se depare com o acidentado em estado gravíssimo e saiba, de imediato, que suas chances de sobreviver são ínfimas.

Aí vem a inevitável pergunta da vítima: “Eu vou morrer?”

Você responderia a verdade ou mentira, dizendo que ele sobreviveria, somente para não vê-lo em terror durante seus momentos finais de vida? Matthew O'Reilly, um paramédico que atua em Nova York, em uma palestra do TED, em julho de 2014, compartilhou sua resposta costumeira nesses casos. O TED é uma conferência promovida por uma

fundação sem fins lucrativos dos Estados Unidos que inicialmente divulgava palestras nas áreas de Tecnologia, Entretenimento e Design (siglas para TED), mas que, com sua popularidade, especialmente com a divulgação de suas palestras pela internet, no YouTube, passou a difundir “ideias que merecem ser disseminadas”, independente da área a que estejam



vinculadas. Divulgamos aqui na revista **Seareiro** o seu depoimento:

“Eu sou paramédico há sete anos e trabalho na área de Suffolk County, em Nova York. Sou normalmente o primeiro a chegar em acidentes de carro ou para socorrer vítimas do Furacão Sandy. Se você é como a maioria das pessoas, a morte pode ser um dos seus maiores medos. Alguns de nós a vemos se aproximando. Outros, não. Existe um termo médico pouco conhecido chamado “morte iminente”. É quase como um sintoma. Como um prestador de serviços médicos, sou treinado para responder a esse sintoma como a qualquer outro, então, quando um paciente que está sofrendo um ataque cardíaco olha para mim e diz: “Eu vou morrer hoje?”, somos treinados para reavaliar a condição do paciente.

Por toda minha carreira, respondi a uma série de acidentes em que o paciente tinha apenas alguns minutos de vida e não havia nada que eu pudesse fazer por ele. Com isso, eu estava frente a um dilema: conto ao moribundo que ele está para encarar a morte ou minto para confortá-lo em seus últimos momentos? No início da minha carreira, encarei esse dilema simplesmente mentindo. Eu tinha medo. Tinha medo que, se dissesse a eles a verdade, eles morreriam de medo, aterrorizados, se agarrando a estes últimos momentos de sua vida. Tudo isso mudou após um episódio. Cinco anos atrás, fui atender um caso de acidente de moto. O motociclista havia sofrido ferimentos muito graves. Enquanto eu avaliava sua condição, vi que não havia nada a ser feito por ele e, como em muitos outros casos, ele olhou em meus olhos e fez aquela pergunta: “Eu vou morrer?”. Naquele momento decidi fazer algo diferente. Decidi dizer a ele a verdade. Decidi dizer a ele que ele iria morrer e que não havia nada que eu pudesse fazer para mudar isto. Sua reação me choca ainda nos dias de hoje. Ele simplesmente se deitou e tinha um olhar de aceitação em seu rosto. Ele não reagiu com terror ou medo, como eu achei que faria. Ele simplesmente se deitou e, enquanto olhava em seus olhos, vi paz e aceitação interior. A partir daquele momento, decidi que não era eu quem deveria confortar os pacientes que estavam morrendo com minhas mentiras. Tendo respondido a muitos outros casos desde então, onde os pacientes estavam em seus últimos momentos de vida e não havia nada que eu pudesse fazer por eles, em quase todos os casos, a reação ao saber que iriam morrer foi a mesma, aceitação e paz interior. Na verdade existem três padrões que observei em todos os casos.

O primeiro padrão sempre me chocou. Independente de sua crença religiosa ou experiência cultural, há uma necessidade de perdão. Se eles chamam isso de pecado ou se simplesmente dizem se arrepender, essa culpa é universal. Uma vez atendi um senhor idoso que estava tendo um ataque cardíaco fulminante. Enquanto eu me preparava para usar meu equipamento para sua parada cardíaca, comecei a contar a ele sobre sua morte iminente. Ele já sabia, pelo tom da minha voz e pela

minha linguagem corporal. Enquanto eu colocava o desfibrilador em seu peito, preparando-me para o que ia acontecer, ele me olhou nos olhos e disse: “Eu gostaria de ter passado mais tempo com meus filhos e netos, ao invés de ter sido egoísta com meu tempo”. Diante da morte iminente, tudo que ele queria era perdão.

O segundo padrão que observei é a necessidade de ser lembrado. Seja para ser lembrado por mim ou no pensamento de seus entes queridos, eles precisavam saber que continuariam sendo lembrados. Há uma necessidade de imortalidade dentro dos corações e pensamentos de seus entes queridos, de mim, da minha equipe ou de qualquer pessoa próxima a ele. Por inúmeras vezes um paciente olhou em meus olhos e disse: “Você vai se lembrar de mim?”.

O último padrão que observei sempre me tocou de forma mais profunda, em minha alma. O paciente que está morrendo quer saber se sua vida teve significado. Eles precisam saber que não perderam tempo com tarefas sem sentido.

Conto um caso novamente do início da minha carreira. Eu estava atendendo um chamado. Havia uma mulher de 50 e tantos anos que estava gravemente presa em seu veículo. Ela havia sido vítima de um acidente de carro em alta velocidade. Enquanto os bombeiros tentavam removê-la do veículo, eu subi nele para iniciar os primeiros socorros. Enquanto conversávamos, ela me disse: “Havia ainda tanto que eu queria fazer com minha vida”. Ela achava que não havia deixado sua marca na Terra. Enquanto continuávamos a conversar mais, descobri que ela havia adotado dois filhos e que ambos estavam indo para a faculdade de medicina. Por causa dela, duas crianças estavam tendo a chance de se tornar médicos, salvando outras vidas. É possível que não conseguissem essa oportunidade se não houvessem sido adotados. Os bombeiros demoraram 45 minutos para removê-la do veículo, mas ela morreu antes disso. Acredito que você tenha visto essas cenas nos filmes: quando você está quase morrendo, se depara somente com terror e medo. Eu percebi, independentemente das circunstâncias da morte, que normalmente os que estão morrendo estão em paz e aceitação e que são as pequenas coisas, os momentos mais simples que eles trouxeram ao mundo, que dão paz a eles nestes momentos finais”.

E você? Como será lembrado por seus entes queridos e parentes próximos quando morrer? Há algo ou alguém que você deve perdoar, para não sentir culpa quando chegar sua hora? Qual a marca que você deixará após partir?

Façamos uma reflexão sobre esses pontos para que, quando de nosso retorno ao Plano Espiritual, possamos fazer a passagem de forma serena e tranquila.

Monica Miglio Pedrosa (tradução e adaptação) Trabalhadora do C e aluna do curso de Filosofia da Seara Bendita